

## **RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL: DOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE REGEM A EDUCAÇÃO À PRÁTICA DOCENTE**

## **SOCIAL AND ENVIRONMENTAL RESPONSIBILITY: FROM THE OFFICIAL DOCUMENTS THAT REGULATE EDUCATION TO TEACHING PRACTICE**

## **RESPONSABILIDAD SOCIALAMBIENTAL: DE LOS DOCUMENTOS OFICIALES QUE RIGEN LA EDUCACIÓN A LA PRÁCTICA DOCENTE**

Elaine Cristina Pamplona Seiffert

<https://orcid.org/0000-0002-0809-2857>

Eliane Juraski Cemillo

<https://orcid.org/0000-0002-6385-6629>

**Resumo:** Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de análise documental. Tem a intenção de identificar como o conceito de Responsabilidade Socioambiental apresenta-se nos seguintes documentos oficiais que regem a Educação no Brasil: as Diretrizes Curriculares Nacionais, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Plano Nacional de Educação (PNE), bem como leis que regulamentam a educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e a Constituição Federal (CF 88). Para além do que consta nos documentos oficiais, apresentamos uma sequência didática na qual este conceito foi colocado em prática por uma das autoras, enquanto profissional docente. Assim sendo, a autora torna-se também pesquisadora de sua ação pedagógica. O questionamento que aqui fizemos foi o seguinte: Como o conceito de Responsabilidade Socioambiental se materializa no contexto da sala de aula? A sequência didática é apresentada ao leitor de maneira etnográfica, explicitando sentimentos e percepções dos/as atores/as envolvidos/as. Diante das leituras e diálogos com os/as autores/as e documentos oficiais consultados ao longo da pesquisa, bem como revisão dos documentos produzidos nesses anos de docência pela autora, pode-se afirmar com segurança que a Responsabilidade Socioambiental precisa sair dos documentos oficiais e se materializar no trabalho docente, no contexto da sala de aula, uma vez que contribui para a formação de cidadãos comprometidos com o equilíbrio ambiental e a justiça social.

**Palavras chaves:** Educação. Ensino. Práticas pedagógicas. Responsabilidade Socioambiental.

**Abstract:** This article consists of a bibliographic research and documental analysis. It has the intention to identify how the concept of Social and Environmental Responsibility presents itself in the following official documents which rule Education in Brazil: the National Curriculum Guidelines, the National Common Curriculum Base (BNCC), The National Education Plan (PNE), as well as laws that regulate the Brazilian education,

such as the law of Guidelines and Bases of National Education (LDBEN) and the Federal Constitution (CF 88). Beyond what is in the official documents, we present a didactic sequence in which this concept was put into practice by one of the authors whilst teaching professional. Thus being, the author becomes also a researcher of her pedagogical action. The questioning we here made was the next: How does the concept of Social and Environmental Responsibility materialize itself in the context of the classroom? The didactic sequence is presented to the reader in ethnographic manner, showing feelings and perceptions of the authors involved. Facing the readings and dialogues with the authors and official documents consulted throughout the research, in addition to the revision of the documents produced in these years of teaching by the author, one can affirm with confidence that the Social and Environmental Responsibility needs to leave the official documents and self materialize in schooling work, in the context of the classroom, for it contributes to the formation of citizens committed with environmental balance and social justice.

**Keywords:** Education. Teaching. Pedagogical practices. Social and Environmental Responsibility.

**Resumen:** Este artículo se trata de una pesquisa bibliográfica y de análisis documental. Tiene La intención de identificar como el concepto de Responsabilidad Socioambiental se presenta en los siguientes documentos oficiales que rigen la Educación en Brasil: Las Directrices Curriculares Nacionales, la Base Nacional Común Curricular (BNCC), El Plan Nacional de Educación (PNE), así como leyes que regulan la educación brasileña, la Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional (LDBEN) y la Constitución Federal (CF 88) . Además de lo que figura en los documentos oficiales, presentamos una secuencia didáctica en la qual este concepto fue puesto en práctica por una de las autoras, mientras profesional docente. Por lo consiguiente, la autora se vuelve también investigadora de su acción pedagógica. El cuestionamiento que aquí hicimos fue el siguiente: Como el concepto de Responsabilidad Socioambiental se materializa en el contexto de la clase? La secuencia didáctica es presentada al lector de manera etnográfica, explicitando sentimientos y percepciones de los/las autores/as involucrados/as. Ante las lecturas y diálogos con los/as autores/as y documentos oficiales consultados a lo largo de la pesquisa, así como revisión de los documentos producidos en estos años de docencia por la autora, se puede afirmar con seguridad que la Responsabilidad Socioambiental necesita salir de los documentos oficiales y materializarse en el trabajo docente, en el contexto de la clase, pues contribuye para la formación de ciudadanos comprometidos con el equilibrio ambiental y justicia social.

**Palabras clave:** Educación, Enseñanza, Prácticas pedagógicas, Responsabilidad Socioambiental.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 DE ONDE FALAMOS

No século XIX, Marx, em seus escritos, especialmente em *O capital*, já expressava sua preocupação com o meio ambiente. A mesma advinha, em síntese, do fato de que o modo de produção capitalista, em sua gênese, objetiva o lucro a qualquer custo e acima de tudo, não se preocupando sobremaneira com o meio ambiente, o qual é considerado, grosso modo, um vasto celeiro de matéria-prima. Não temos como saber, no entanto, se, na época, período do capitalismo industrial, no qual o mesmo estava ainda se engendrando, Marx já conseguisse antever o panorama ambiental que de fato se desenhou depois e se configura/se redesenha até os dias atuais, no qual a questão ambiental se apresenta de forma muito mais preocupante, pelos limites do esgotamento de recursos naturais, bem como

de ambientes, ou ainda, da modificação substancial do mesmo, cada vez mais inóspito às boas condições de vida.

Engels também muito contribuiu para essa discussão. Ao afirmar que “Tudo afeta e é afetado por todas as outras coisas” (p. 459)<sup>1</sup>, permite-nos entender, sobretudo por intermédio de sua obra *Dialética da natureza* (2020), que o universo funciona via um movimento dialético, em que há interdependência entre as relações humanas, sociais e culturais com a natureza, que não é, mas sempre está sendo, segundo o tipo de relação que os humanos com ela estabelecem, sendo que os problemas ecológicos que hoje enfrentamos são, obviamente, frutos dessa relação predatória estabelecida pelos ditames de acumulação do modo de produção capitalista.

Na obra, Engels cita a destruição das florestas, a poluição do ar e das águas advinda das fábricas e as constantes pestes que afligiam a classe trabalhadora (mera coincidência com a pandemia da covid-19 que nos assola?) como consequências da forma como os humanos que detinham o poder decisório estava se relacionando e conquistando a natureza, sendo que essa conquista, que em um primeiro momento se apresentava como frutífera, trazia logo em seguida uma consequência, pois se pensava apenas nas benesses imediatas para o capitalismo e se desconsiderava as consequências posteriores, ao que o autor denominou de vingança da natureza. Essa, aliás, estava/está relacionada com a ultrapassagem das barreiras que mantêm um equilíbrio para as condições adequadas de vida no planeta, como demonstrado no documentário *Rompendo barreiras: nosso planeta*.<sup>2</sup>

Na esteira do pensamento *marxiano*, o geógrafo David Harvey, na obra *O enigma do capital e as crises do capitalismo* (2011), explica que o capital é como o sangue que flui pelo corpo social, sendo que quando este flui de forma adequada, sem interrupções, o corpo social tem saúde, porém, quando o mesmo não flui de forma adequada, ocorrem as crises no modo de produção capitalista. Essas, segundo Harvey, muitas vezes são provocadas e/ou então representam o fim – ou o esgotamento – de uma forma de o capital funcionar (o que o filósofo István Mészáros nominou de caráter *sociometabólico* do capital). Para que o capital possa fluir com saúde pelo corpo social, o modo de produção capitalista, segundo Harvey, precisa crescer a uma taxa composta de 3% ao ano. Para que isso possa ocorrer, o autor alude a sete esferas de atividades, distintas na trajetória evolutiva do capitalismo: “[...] **tecnologias e formas de organização; relações sociais; arranjos institucionais e administrativos; processos de produção e de trabalho; relações com a natureza; reprodução da vida cotidiana e da espécie; e concepções mentais do mundo [...]**” (grifo nosso) (HARVEY, 2010, p. 103).

Destacamos que as **relações com a natureza** figuram na lista das sete esferas de atividades aludidas por Harvey. Convém explicitar que a perspectiva pela qual tomaremos a

1 MARX, K e ENGELS, F. **Collected Works**, vol. 25 .New York: International Publishers, 1975.

2 Disponível na plataforma Netflix.

forma como essa relação se dá no modo de produção capitalista importa não apenas à saúde do modo de produção capitalista favorecendo aos capitalistas, detentores dos meios de produção, ao manterem/aumentarem seus lucros/ganhos no sistema, mas, sobretudo, interessa-nos essa saúde aos/às trabalhadores/as – não detentores/as dos meios de produção e que precisam vender sua força de trabalho aos capitalistas para prover a sua produção da existência. A partir disso, situamos entendimentos distintos/opostos para a esfera das relações com a natureza: um, favorável aos detentores do capital, que visualiza a natureza, mais especificamente os recursos naturais, como meios/matérias primas que alavancam/suprem o desenvolvimento do modo de produção capitalista. Outro, que converge para a ideia de que o ser humano é parte da natureza e, por essa razão, precisa relacionar-se com ela de modo equilibrado/respeitoso/responsável, independente e acima de interesses pessoais/privados e da voracidade por lucros, característicos no/do modo de produção capitalista, o que coaduna, grosso modo, com a responsabilidade socioambiental.

Dialogamos concordando, ainda, com Lankester (1995) que alude que o tempo reconhecido como Holoceno (era centrada na geologia ou nas lentas transformações geológicas do/no planeta) – que remonta há aproximadamente 12 mil anos chegou ao fim e que estamos vivendo, atualmente, o Antropoceno, que seria o “Reino do Homem”. Latour (2019 e 2020) também nos ajuda a alargar a compreensão sobre esse atual e emergente período, sobre o qual ele diz haver um Novo Regime Climático. Nesse, o ser humano figura como o grande perturbador da natureza, haja vista que os corolários de sua ação sobre a referida, pautada especialmente pelos ditames da acumulação capitalista, estão desembocando numa crise climática que pode ser irreversível.

Partindo desse lugar, discutiremos, na seção a seguir, como o conceito de responsabilidade socioambiental se constitui nos documentos oficiais que versam sobre a educação brasileira. Na sequência, pretendemos identificar a materialização da responsabilidade social através do trabalho docente. Para tanto, apresentamos uma sequência didática realizada por uma das autoras.

## 2 RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

O conceito de responsabilidade socioambiental, presente nos documentos oficiais que regulamentam o sistema educacional brasileiro, relaciona-se ao cuidado com a sociedade e com o ambiente. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, responsabilidade socioambiental<sup>3</sup> “Está ligada a ações que respeitam o meio ambiente e a políticas que tenham como um dos principais objetivos a sustentabilidade”. Responsabilidade socioambiental, portanto, nos alerta para o fato de que quando falamos de meio ambiente, não podemos esquecer que o ser humano faz parte desse contexto. Mais do que isso, ele é o responsável

---

3 Este conceito está disponível na página oficial do Ministério do Meio ambiente <http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental.html>

direto pelas ações que resultam em alterações desejáveis ou indesejáveis e é também ele, juntamente com os demais seres vivos que habitam o planeta, quem sofre as consequências dessas ações. Assim sendo, a responsabilidade socioambiental exige uma reformulação do nosso modo de produção, consumo e dos impactos ambientais e sociais gerados a partir deles. Segundo o Plano de ação para produção e consumo sustentáveis (PPCS) lançado em 2011 com vigência até 2014 pelo Ministério do meio ambiente:

A mudança dos padrões de produção e consumo é um desafio gigantesco e complexo para todos os países, mas particularmente para os países em desenvolvimento, como o Brasil, que têm necessariamente como principais objetivos o combate à pobreza e a inclusão social, em um difícil contexto internacional (Brasil, 2014b, p. 5).

É preciso entender que nós, seres humanos, fazemos parte de um todo que está interligado e que o progresso inconsequente, amplamente estimulado pelo modo de produção capitalista, gera crise dos recursos naturais, desmatamento, mudanças climáticas, desigualdade social e o descuido com a diversidade biológica e cultural.

O Plano Nacional da Educação<sup>4</sup> (PNE), em seu artigo segundo, inciso décimo, apresenta como diretriz a “promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental” (BRASIL, 2014a). Aqui o conceito de responsabilidade socioambiental está atrelado ao conceito de sustentabilidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologada pelo Ministério da Educação em 20 de dezembro de 2017, propõe “abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora” o que permite aos estudantes contextualizar, refletir e agir sobre o objeto de conhecimento (BRASIL, 2017b, p. 19). Assim sugere a abordagem do tema sustentabilidade de acordo com alguns pressupostos:

[...] a compreensão do que seja sustentabilidade pressupõe que os alunos, além de entenderem a importância da biodiversidade para a manutenção dos ecossistemas e do equilíbrio dinâmico socioambiental, sejam capazes de avaliar hábitos de consumo que envolvam recursos naturais e artificiais e identifiquem relações dos processos atmosféricos, geológicos, celestes e sociais com as condições necessárias para a manutenção da vida no planeta (BRASIL, 2017b, p. 327).

Sobre o termo sustentabilidade, Leonardo Boff (2012) define que:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas, que sustentam todos os seres, especialmente a Terra

---

4 O Plano Nacional de Educação (PNE) atual foi publicado em 2014, portanto estará em vigor até 2024. Trata-se de um documento cujo objetivo é traçar metas e estratégias para o cumprimento do artigo 214 da Constituição Federal.

viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda a atender as necessidades das gerações presentes e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (BOFF, 2012, p. 107).

Diante disso, a responsabilidade socioambiental apresenta-se como um modo de ser e estar no mundo, de maneira a respeitar às gerações presentes e futuras. Traz à tona a necessidade de repensarmos nossas atitudes, as relações que estabelecemos com os demais seres vivos, com nossos pares, com a natureza em geral.

Conforme consta nas páginas das Diretrizes Curriculares Nacionais, “A sociedade, na sua história, constitui-se no *locus* da vida, das tramas sociais, dos encontros e desencontros nas suas mais diferentes dimensões. É nesse espaço que se inscreve a instituição escolar” (BRASIL, 2013, p. 15). Esse documento reforça a importância da educação para a formação humana ao afirmar que “Somente um ser educado terá condição efetiva de participação social, ciente e consciente de seus direitos e deveres civis, sociais, políticos, econômicos e éticos” (BRASIL, 2013, p. 17). Tem entre seus objetivos:

Disponibilizar sobre a formação básica nacional relacionando-a com a parte diversificada, e com a preparação para o trabalho e as práticas sociais, consiste, portanto, na formulação de princípios para outra lógica de diretriz curricular, que considere a formação humana de sujeitos concretos, que vivem em determinado meio ambiente, contexto histórico e sociocultural, com suas condições físicas, emocionais e intelectuais (BRASIL, 2013, p. 10-11).

A formação humana, através da educação, também é regulamentada pela Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), a qual em seu artigo 1º define que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 2017a, p. 8). Ao apresentar outros espaços educativos, além da escola, a LDB segue a mesma lógica das Diretrizes Curriculares Nacionais, respeitando o contexto em que o/a educando/a está presente, bem como, as relações estabelecidas. Assim, temas do cotidiano podem e devem ser objeto de reflexão, ação e aprendizado. Refletir, agir e aprender, aqui representam exercícios para a cidadania. A LDB preconiza uma formação básica para o exercício da cidadania. Para tanto, dispõe o seguinte em seu artigo 22: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 2017a, p. 17).

A escola é um lugar privilegiado para a aquisição/(re)construção de valores fundamentais para a formação humana, portanto é um ambiente de transformação social. De acordo com Cavaliere (2002, p. 250) “a ampliação das funções da escola, de forma a melhor cumprir um papel sócio-integrador, vem ocorrendo por urgente imposição da realidade

e não por uma escolha político-educacional deliberada”. Assim, devem constar nos currículos escolares temas contemporâneos que promovam reflexão e preparem para a ação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta a inclusão de temas relacionados à responsabilidade socioambiental no currículo da educação básica ao afirmar que:

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (Brasil, 2017b, p. 19).

Dentre as muitas formas de intervenções pedagógicas realizadas no contexto escolar, a Educação Ambiental torna-se um campo fértil para semear saberes e colher cidadania, ao trabalhar as múltiplas faces do ser humano em desenvolvimento, bem como conscientizar para a responsabilidade socioambiental.

A BNCC apresenta a Educação Ambiental como um dos temas transversais que afetam a vida humana, também mostra as leis que a regulamentam “(Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012)” (BRASIL, 2017b, p. 19).

A Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA - Lei nº 9.795/1999) apresenta em seu artigo 4º os seguintes princípios básicos:

V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo; VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo; VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais; VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural (Brasil, 1999).

O (Parecer CNE/CP nº 14/2012) “situa a Educação Ambiental em seus marcos referenciais: legal, internacionais e conceitual, caracterizando o seu papel, sua natureza, seus objetivos, bem como o compromisso do Brasil com as questões socioambientais”. Esse documento “evidencia, ainda, o importante papel dos movimentos sociais em provocar a aproximação da comunidade com as questões socioambientais” (BRASIL, 2012a, p. 2). Propõe que a:

Educação Ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras, a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram. A Educação Ambiental avança na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade socioambiental (BRASIL, 2012a, p. 1).

A Resolução CNE/CP nº 2/2012 a qual estabelece as Diretrizes Curriculares para a Educação Ambiental traz em seu artigo 4º que a “Educação Ambiental é construída com responsabilidade cidadã, na reciprocidade das relações dos seres humanos entre si e com a natureza” (BRASIL, 2012b).

Nos dias atuais, a Educação Ambiental é fundamental para a formação de cidadãos/cidadãs “devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, seja formal ou não formal”. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais, a Educação Ambiental surge “na perspectiva socioambiental, da justiça ambiental, das relações comerciais equilibradas e das concepções de sustentabilidade” (BRASIL, 2013, p. 522). A Educação Ambiental apresenta entre seus objetivos:

O desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, e o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania (BRASIL, 2013, p.166).

O conceito de cidadania, por seu turno, está relacionado à identidade e ao pertencimento a uma coletividade. A Educação Ambiental como formação e exercício de cidadania refere-se a uma nova forma de encarar a relação do homem com a natureza, baseada numa nova ética, que pressupõe valores morais, como respeito e harmonia.

A Constituição Federal elevou o meio ambiente a bem público, ao afirmar, no artigo 225, que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1988). A mesma Constituição delega à Educação Ambiental, a responsabilidade de “assegurar a efetividade desse direito” conforme consta no inciso VI – cabe ao poder público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988). Conforme consta nas diretrizes curriculares nacionais:

Compreender e realizar a educação, entendida como um direito individual humano e coletivo implica considerar o seu poder de habilitar para o exercício de outros direitos, isto é, para potencializar o ser humano como cidadão pleno, de tal modo que este se torne apto para viver e conviver em determinado ambiente, em sua dimensão planetária. A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares [...] (BRASIL, 2013, p. 16).

A Base Nacional Comum Curricular, homologada pelo Ministério da Educação em 20 de dezembro de 2017, destaca a necessidade do diálogo como parte do processo formativo para a cidadania e propõe dentre suas competências gerais:



Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (BRASIL, 2017b, p. 9).

Apesar de todos os esforços, o cenário atual mostra que os problemas ambientais são de origem global e ainda precisam ser superados. Os avanços sociais e ambientais trazidos por um sistema educacional organizado em eixos que valorizam a vida, a formação para a cidadania e as relações estabelecidas no convívio diário entre todos os/as habitantes do planeta terra são imensuráveis. Mas muitas etapas destes avanços se dão no cotidiano da escola, no fazer pedagógico do/a professor/a e nas articulações com a comunidade.

Precisamos urgentemente valorizar este/a profissional da educação que atua diariamente na construção de um mundo melhor através de sua responsabilidade socioambiental. Embora a LDB deixe claro em seu artigo 3º, inciso VII sobre a necessidade de mais “valorização do profissional da educação escolar”, o Brasil ainda precisa avançar muito neste quesito. São esses/as profissionais que, ao favorecerem a construção de valores fundamentais para a formação humana, auxiliam em grande medida para que o ambiente em que atuam torne-se verdadeiramente *locus* de transformação social.

Realçando a intencionalidade deste escrito, o qual se propõe a identificar como o conceito de responsabilidade socioambiental presente nos documentos oficiais que se ocupam da Educação no Brasil se concretiza no contexto de sala de aula através do trabalho docente, segue um pouco da experiência profissional de uma das autoras. Delosso (2013), em seu artigo no qual pesquisa sua própria prática, propõe dois sentidos para a relevância deste tipo de estudo:

Acredito que um trabalho desta natureza pode ser relevante em dois sentidos. Explico-me. Primeiro, no sentido de contribuir com a pesquisa acadêmica por apresentar rigor científico e coerência teórico-metodológica em uma tentativa de ser, mais do que prescritivo, analítico. Acredito que por estar impregnado do cheiro, das cores e sabores, dores e amores da sala de aula, outros professores, como eu, poderão se interessar em realizar sua leitura. Segundo porque contribui com a academia na divulgação de resultados científicos, causando impacto sobre as práticas na escola (DELOSSO, 2013, p. 20-21).

E, indubitavelmente, vindas do *lugar de onde falamos*, não podemos crer somente em saídas individuais para um problema socialmente gestado, ao gosto dos neoliberais de plantão, tampouco nos filiamos àqueles e àquelas que imputam um papel salvacionista à educação, como se ela tudo devesse resolver. Conclamamos, sim, ao Estado, que cumpra seu papel no sentido de promover políticas públicas que realmente se ocupem em cuidar do meio ambiente e em promover uma educação ambiental que vá na mesma direção, haja vista que não é isso que vem ocorrendo no Brasil hodiernamente<sup>5</sup>.

---

5 Após a escrita desse artigo (posterior a 2017) entendemos que aconteceu no país um profundo retrocesso, tanto nas políticas ambientais, bem como a crise ambiental vem se aprofundando, com a devastação

### 3 RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL EM UMA PRÁTICA EDUCATIVA DO ENSINO FUNDAMENTAL

*“O que a lagarta chama de fim do mundo, o mestre chama de borboleta” (Richard Bach).*

#### 3.1 O CONTEXTO

A responsabilidade socioambiental pressupõe o desenvolvimento sustentável, o qual está ligado a cuidado, preservação e conservação de recursos. Para preservar, é preciso, antes de tudo, conhecer e, antes ainda de conhecer, é preciso observar. O cenário atual mostra que uma intervenção pedagógica de conscientização ambiental precisa partir de uma consciência global, porém mediada por uma ação local, iniciada em sala de aula, em casa, na comunidade, identificando e buscando soluções para os problemas cotidianos. Precisamos entender o todo e as partes, o local e o global conforme ressalta Morin (2001), que ao citar a relação entre o todo e as partes, afirma que o global é mais que o contexto. Segundo o autor, “é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo inter-retroativo ou organizacional. Dessa maneira, uma sociedade é mais que um contexto: é o todo organizador de que fazemos parte” (MORIN, 2001, p. 37).

A sustentabilidade no ambiente escolar deve acontecer de maneira natural, sem o rigor apresentado nos documentos oficiais, consubstanciada, portanto, em uma transposição didática por parte dos/as docentes. São atitudes simples, como manter a carteira e a sala de aula limpas para as próximas turmas, plantar, cuidar e colher, dar destino certo ao lixo produzido, economizar água e energia, evitar o desperdício de comida, ensinar o que se aprende aos/às colegas, cuidar do material escolar, ser solidário/a, respeitar as diferenças, estar aberto/a ao diálogo expondo suas ideias e aceitando posições contrárias. Essas atitudes chamam a atenção para a responsabilidade com que devemos agir enquanto seres sociais. Cada integrante da comunidade escolar deve entender que respeitar ao/à próximo/a e ao ambiente no qual está inserido é condição *sine qua non* para a vida sustentável.

#### 3.2 E AGORA PROFESSORA? POR ONDE EU COMEÇO?

Após problematizar sobre o que é meio ambiente, depreendendo que fazemos parte dele e que é preciso preservá-lo para nós e para as futuras gerações, podemos tentar entender sobre nossa realidade (mundo real) e outras realidades possíveis (mundo ideal).

---

desenfreada de vários biomas como a floresta Amazônica, o pantanal mato-grossense e a mata Atlântica, o Cerrado...Se asseveram os eventos climáticos extremos, como secas e enchentes. Certamente teremos vários trabalhos futuros focalizando isso.

Apresentamos aqui uma sequência didática realizada por uma das autoras enquanto docente de uma turma de estudantes do sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública, cujo objetivo foi (re)ver de forma lúdica o conceito de mundo real e de mundo ideal.

Refletir sobre e partilhar essa sequência foi possível graças ao registro do trabalho realizado, percepções, fotos, imagens das produções feitas pelos/as estudantes, aprendizagens, conclusões, enfim o que a autora considerou importante para o seu fazer pedagógico. Conforme ressalta Holly (2007, p. 101) “uma das diferenças entre a teorização normal, ou cotidiana, do professor e a escrita sobre as suas próprias experiências, pensamentos e sentimentos é que esta última demora muito mais tempo”. Leva tempo para escrever e registrar com riqueza de detalhes as vivências do/a educador/a, porém:

[...] escrever sobre estes processos pode abrandar a sua progressão e conservá-los como se fossem instantâneos, de modo que nos permitam reunir e explorar sequências de narrativas que, de outro modo, se perderiam numa miríade de outros pensamentos, ações e acontecimentos (HOLLY, 2007, p. 101).

Holly (2007, p. 108) lembra-nos que “escrever proporciona documentação para posterior análise, mas, mais importante ainda, propicia uma base de discussão e de colaboração com outras pessoas, em ordem a interpretar e a criar o que as escolas podiam ser”.

A seção a seguir, será redigida na primeira pessoa do singular, uma vez que mostra o relato de uma das autoras sobre o caminho percorrido, as decisões tomadas e os resultados alcançados, bem como os sentimentos e percepções dos momentos vivenciados no contexto da sala de aula durante uma prática educacional voltada para a Responsabilidade Socioambiental.

### 3.3 A RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL CONSTRUÍDA AO LONGO DO CAMINHO

Nesse momento, me torno<sup>6</sup> pesquisadora de minha própria prática. E consigo me identificar com Delosso (2013, p. 92), a qual diz que “o professor que pesquisa a própria prática é alguém que começa a refletir e questionar, pois passa do lugar do senso comum (re)significando a realidade educativa.” A autora continua:

A professora que pesquisa sobre a própria prática tem um conhecimento prático interessado, mobilizado pelo compromisso com o aprendizado do aluno. Porém, além da dualidade de ensinar conteúdos oportunizando a elaboração e a construção de conhecimentos, e de pesquisar novas possibilidades de olhar para esse movimento é uma tentativa de produzir conhecimentos sobre a prática docente. A pesquisa

---

6 Prezado/a leitor/a, você deve ter percebido a mudança de pessoa gramatical, da terceira pessoa do plural para a primeira pessoa do singular. Essa mudança dá-se em função de que a partir de então a autora que vivenciou as práticas passa a descrever e assumir de forma mais contundente a experiência vivida.

também pode ser uma das dimensões do trabalho do professor interessado, que ao produzir conhecimento sobre o ensinar e o aprender também aprende pelo trabalho e pelo estudo (Delosso, 2013, p. 21-22).

Agora, ao olhar os registros feitos ao longo dos anos de docência, em uma análise documental para tecer esse escrito, faço o exercício de olhar para trás, para o caminho percorrido até aqui, mas o faço vasculhando por onde esteve impregnado o conceito de responsabilidade socioambiental na minha atuação docente. Faço esse caminho tal qual Soares (1991, p. 45), “não procuro conhecer o meu passado, procuro pensar o meu passado; não busco o que vivi, busco perceber o que estava pensando quando vivi”. Vejo-me nas palavras da autora e junto com ela retorno no tempo, como observadora de minha docência:

Não se trata de construir a teoria de meu passado, organizando-o em ideias; não se trata, também, de narrar a prática de meu passado, apresentando os fatos ocorridos nessa travessia; trata-se de estabelecer uma relação dialética entre teoria e prática, de modo que aquela se construa como conhecimento das condições reais desta, e esta se revele como atividade social ao mesmo tempo produzida por condições sociais determinadas e produtora de condições sociais determinadas (SOARES, 1991, p. 51).

Percebi que a responsabilidade socioambiental – responsabilidade com o ambiente e com as pessoas – foi guiando meu trabalho ao longo desses anos ao me deparar com um registro sobre o ‘entendimento do conceito de meio ambiente’ feito pelos/as estudantes após aulas expositivas, apresentações de vídeos, conversas, leituras e exercícios. Foi surpreendente a simplicidade e o discernimento com que definiram o ‘meio ambiente’. Segue resultado no quadro abaixo:

Quadro 1: Conceito de Meio Ambiente

O que é Meio Ambiente?
Vitor: <i>“É o lugar onde vivemos, pode ser minha casa, a escola, o ônibus, a prefeitura, a praça, etc. Tudo o que está a nossa volta”.</i>
Íris: <i>“Meio ambiente é um conjunto de ecossistemas, nós fazemos parte dele. Os animais que vivem nesse meio precisam de plantas e de outros animais para sobreviverem. Os seres humanos são os que mais destroem o meio ambiente, pois poluem, tiram coisas e matam outros animais. No meio ambiente existem várias espécies de seres vivos que ocupam diferentes espaços embora convivam no mesmo lugar”.</i>
Larissa: <i>“Você sabia que tem uma minhochinha que se chama “arado vivo” que faz galerias no solo e ajuda a ficar pronto para plantar alimentos, flores e etc?”.</i>
Maria Laura: <i>“Meio ambiente, são as pessoas, os animais, as florestas, etc.”.</i>
Jaqueline: <i>“Nós fazemos parte do meio ambiente, mas interferimos mais do que todos os outros seres vivos”.</i>
Caroline: <i>“No meio ambiente há matas, florestas, mangues, rios, lagos, etc. A minhoca vive em seu solo fofinho, alguns animais encontram seu aconchego no alto das árvores. Mas na rotina da natureza existe vida e morte: Alguns seres vivos nascem e outros morrem, alguns seres vivos servem de alimento para outros. É esse ciclo que garante a vida”.</i>

Jonathan: <i>“O meio ambiente é a natureza, a poluição, tudo o que há em nossa volta. A poluição faz mal para nós e para os animais, pois fazemos parte do meio ambiente”.</i>
Bruna: <i>“O meio ambiente é formado pela natureza, ou seja, pela hidrosfera, litosfera, atmosfera e por nós, seres vivos”.</i>
Anderson: <i>“Meio ambiente é o lugar onde moramos, os animais, plantas e tudo o que tem na terra. Para preservar o meio ambiente temos que nos unir e plantar. A gente também faz parte desse meio e não consegue viver sem plantas e animais”.</i>
* Os/as estudantes serão identificados/as com nomes fictícios para preservar sua identidade.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os/as estudantes ao expressarem seu entendimento sobre meio ambiente, deixaram claro o conceito de Responsabilidade Socioambiental ao se incluírem no contexto ambiental e ao falarem sobre as relações ali estabelecidas. Ficou para trás a ideia de que o meio ambiente é tudo o que nos rodeia, tudo o que podemos usufruir para nossa sobrevivência, portanto, passível de exploração. Nós fazemos parte do meio ambiente, assim, os cuidados com o ambiente ampliam-se para cuidados conosco, com nossas relações, com a paz, com o respeito ao próximo. Esta forma de entendimento sobre o conceito de meio ambiente traz a tona o reflexo de uma educação para a responsabilidade socioambiental, conforme consta nas diretrizes curriculares nacionais “uma educação cidadã, responsável, crítica e participativa, que possibilita a tomada de decisões transformadoras a partir do meio ambiente no qual as pessoas se inserem, em um processo educacional que supera a dissociação sociedade/natureza” (BRASIL, 2013, p. 166).

Ao longo da análise dos registros do meu trabalho senti dificuldade em escolher uma sequência didática entre tantas outras. No momento da escolha, todas as demais possibilidades deixam de existir em detrimento de uma. Porém, em um processo de escolha, precisa haver critérios. A sequência didática a seguir foi escolhida porque propôs um novo olhar para o ambiente e para a humanidade. Acredito que foi exitosa em sua busca pelo entendimento sobre responsabilidade socioambiental, justamente por proporcionar aos/às estudantes participantes desta experiência reflexão sobre o seu modo de vida, as relações que se estabelecem na sala de aula e no mundo, os impactos ambientais e possíveis soluções para a transformação da realidade.

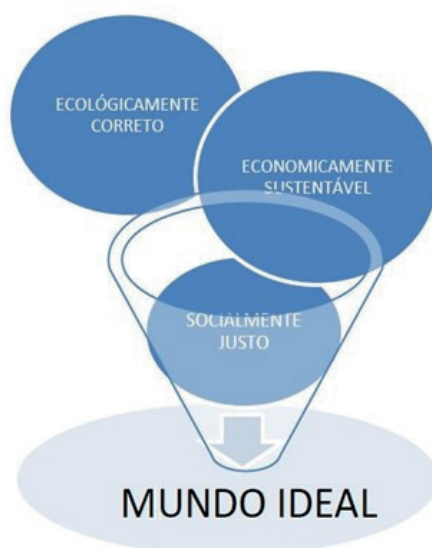
Observar o mundo real e encontrar nele o mundo ideal era a proposta. O conceito de mundo ideal é bastante subjetivo, para defini-lo é preciso levar em consideração os valores e expectativas de cada pessoa em relação à maneira de ser e viver em sociedade. Para esclarecer a respeito deste mundo ideal aqui apresentado, a educação ambiental tem papel importante ao contribuir para:

[...] a construção desses espaços educadores, caracterizados por possuírem a intencionalidade pedagógica de serem referências de sustentabilidade socioambiental, isto é, espaços que mantêm uma relação equilibrada com o meio ambiente e compensam

seus impactos com o desenvolvimento de tecnologias apropriadas, de modo a garantir qualidade de vida para as gerações presentes e futuras (BRASIL, 2013, p 234).

O mundo ideal que se pretende identificar aqui é aquele em que os sujeitos nele inseridos entendam a necessidade da preservação dos recursos naturais e também questões relacionadas ao desenvolvimento social e ambiental. Assim, o mundo ideal, foco de nosso estudo, é um mundo sustentável, portanto, baseado nos três pilares da sustentabilidade (figura 1): “socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente correto”. Segundo Oliveira, et. al. (2012) o conceito dos pilares da sustentabilidade, conhecido como ‘*Triple Bottom Line*’ foi criado em 1994 pelo britânico John Elkington.

Figura 1: organograma – mundo ideal



Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os muitos questionamentos que surgiram durante a execução dessa sequência didática, estava o seguinte: É possível identificar um mundo ideal dentro do mundo real?

### 3.4 COLOCANDO A ‘MÃO NA MASSA’

Foi assim que naquela manhã ensolarada, cheguei à turma da sétima série do ensino fundamental propondo uma aula diferente...

Estava animada. Antes mesmo de largar sobre a mesa os materiais, já havia aluno perguntando o que faríamos naquela aula. “*Posso chegar primeiro? Ainda estou chegando!*” Sorri em resposta aos curiosos. Aos poucos, foram sentando e fiz rapidamente a chamada. Havia muito a se fazer, o tempo era demasiado curto e uma aula não seria suficiente para cumprir o objetivo audacioso de encontrar o mundo ideal dentro

do mundo real, se é que isso fosse possível de se fazer em uma ou mais aulas. Estava disposta, no entanto, a utilizar quantas aulas fossem necessárias para a realização desta difícil tarefa.

Os materiais utilizados foram caleidoscópios feitos de maneira artesanal, pelos/as estudantes do ano anterior. Para a confecção dos caleidoscópios, foram utilizados espelhos que seriam descartados por uma vidraçaria, os quais foram cortados no tamanho (17/3 cm), cada três espelhos juntos formando um triângulo eram unidos com fita crepe para compor o corpo do caleidoscópio, entre duas folhas de acetato colocadas em uma das pontas, sementes, grãos, lantejoulas, pedrarias tinham a missão de dar-lhe vida. Do lado oposto, havia um pedaço de cartolina com um furo no meio por onde olhos curiosos espiavam buscando formas e cores. Alguns dos caleidoscópios não tinham as pedrinhas, esses precisavam ser colocados sobre livros ou superfícies coloridas e quando girados por mãos afoitas iniciavam sua mágica, deles iam surgindo formas dançantes e cores variadas. Além do caleidoscópio, jornais e revistas faziam parte do material necessário para o início do trabalho.

Era nítida a intencionalidade, tanto na execução da proposta, quanto na escolha dos materiais, de que os/as estudantes percebessem que nem tudo o que se joga fora realmente deve ser descartado. Os espelhos que iriam para o lixo, fadados a uma eternidade de espera pela decomposição que não chegaria nunca, foram resgatados em tempo de transformarem-se em caleidoscópios incríveis nas mãos habilidosas dos/as colegas do ano anterior, que aqui representam a geração passada a qual deixa o caleidoscópio de herança para a geração atual (isso tudo foi explicitado para a turma). Segue, abaixo, a descrição da sequência didática:

Quadro 2: Etapas da Sequência didática

1º momento	Primeiramente, os/as estudantes deveriam buscar uma notícia real que ilustrasse situações cotidianas, em jornais ou revistas atuais.
2º momento	Em seguida, a proposta era olhar o caleidoscópio e de maneira lúdica imaginar que ali, todas aquelas formas e cores que nunca são iguais representam um mundo ideal.
3º momento	Cada estudante deveria fazer uma representação, na forma de desenho, do que viu no caleidoscópio.
4º momento	Após essa experiência, a proposta era a elaboração de um texto com suas percepções a respeito do mundo real mostrado na notícia escolhida e o mundo ideal percebido pelo estudante no caleidoscópio. Era preciso estar atento aos contrastes percebidos entre os sentimentos durante a observação do caleidoscópio e leitura do texto do mundo real.
5º momento	Para finalizar o trabalho, o/a estudante deveria identificar o mundo ideal no mundo real através de fotografias de imagens que remetiam às sensações percebidas quando da observação do caleidoscópio.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

### 3.4.1 1º Momento – Escolhendo a notícia

Disponibilizei aos/às estudantes uma caixa com várias revistas, além de jornais daquela semana, os quais estavam acessíveis na biblioteca da escola para serem utilizados em sala de aula. Ao explicar a proposta de trabalho, rapidamente começaram a garimpar notícias que despertassem seu interesse. Alguns/Algumas eram guiados/as pelas imagens; outros/as, pelos enunciados; havia também os/as *‘que não encontravam nada’* e pediam ajuda para a professora. Após leitura da matéria sobre o mundo real, era hora de utilizar o caleidoscópio.

### 3.4.2 2º Momento – Olhando o caleidoscópio

Assim que tiveram acesso ao caleidoscópio (figura 2)<sup>7</sup>, esqueceram-se dos textos e queriam ficar brincando com ele, encantados com as formas e cores, que nunca ser repetiam. Não queriam fazer mais nada. Olhar o caleidoscópio era fascinante! Alertei diversas vezes: *“Vocês devem olhar o caleidoscópio imaginando que dentro dele existe um mundo ideal”*. Assim se passaram duas aulas para esta primeira etapa da sequência didática. O toque estridente do sinal implacável avisava o término da aula e dizia que era hora de colar a notícia no caderno para não perdê-la e entregar os caleidoscópios para a professora.

Figura 2: Olhando o caleidoscópio



Fonte: Acervo pessoal de uma das autoras.

<sup>7</sup> Os procedimentos referentes a ética na pesquisa foram observados e aqui particularmente explico que usamos imagens de estudantes com a devida autorização do uso e divulgação das mesmas para finalidades educacionais. Tal assentimento se deu por meio de bilhetes que foram enviados para as famílias, as quais devolveram-nos assinados e concordando com o uso da imagem dos menores; como também no momento da matrícula na escola as família assina termo concordando com o uso da imagem dos/as estudantes para fins educacionais.



### 3.4.3 3º Momento – Desenho visto no caleidoscópico

Na aula seguinte, a proposta era desenhar o mundo ideal visto no caleidoscópico. Entreguei uma folha em branco e um caleidoscópico para cada um/uma. Rapidamente, começaram a executar a tarefa. Foram se delineando flores, formas ou desenhos abstratos, mas todos muito coloridos (figura 3).

Figura 3: Desenhos feitos pelos/as estudantes



Fonte: Acervo pessoal de uma das autoras.

### 3.4.4 4º Momento – Produção escrita

Momento de olhar para o mundo real mostrado no texto escolhido e contrastá-lo com o mundo ideal visto no caleidoscópico. O resultado esperado era uma produção escrita. Segundo Delloso (2013, p. 26), “o mundo mostra-se a nós semioticamente. Dessa perspectiva, a relação sujeito e mundo real são mediatizados por signos e é por eles que esse sujeito compreende o mundo e a língua, age sobre ele pela linguagem”.

Escrever um texto é uma ação que para ser realizada mobiliza diversos sentidos produzidos pelos/as autores/as durante esse processo, portanto pode-se dizer que mobiliza diversos saberes e fazeres. Cada palavra traz em sua entrelinha a chave para conhecer pensamentos e subjetividades do/a autor/a, suas crenças, concepções de mundo, valores e relações viven-

ciadas no contexto no qual está inserido. Delloso (2013, p. 27) atenta para o fato de que “[...] não falamos nem escrevemos aleatoriamente. Expressamos e estabelecemos relações interpessoais com/na/pela linguagem por meio de textos como produtos de práticas sociais orais e escritas, assim, uma palavra dita só é entendida dentro de um contexto dialógico”.

Durante essa etapa da sequência didática, as ações realizadas foram bastante complexas, uma vez que exigiram do/a estudante observar, imaginar, refletir, trazer suas concepções de mundo e vivências para realizar uma produção escrita.

Os textos seguiram o gênero poesia, com destaque para as rimas, embora não houvesse nenhuma exigência nesse sentido. Diante da primeira rima, feita e exclamada em alto e bom som por um dos/as colegas, todos os/as demais seguiram na mesma linha. Iniciaram com frases, palavras ou ideias soltas e foram elaborando e juntando, pedindo ajuda aos/às colegas e à professora. Portanto, posso dizer que foi um momento de trabalho coletivo bastante prazeroso. Quem olhasse de fora aquela aula desavisadamente, diria que estava um caos. Os/As estudantes andavam de um lado para o outro interagindo entre eles/as, ao construírem rimas, alguns/algumas mais empolgados/as as exclamavam, encantados/as com suas descobertas. Enquanto isso, uma fila enorme ia lentamente se formando para mostrar ou ‘pedir uma luz’ à professora, que de sua mesa olhava cada detalhe da produção textual e ia fazendo questionamentos para que o/a autor/a identificasse possíveis soluções e fizesse os ajustes necessários para completar sua tarefa.

Cada estudante mostrou-se entusiasmado/a com o resultado de seu trabalho. Devido à riqueza dessa produção, optei por mostrar dez textos, em lugar de apenas um ou dois. Para manter o sigilo da pesquisa em observância dos preceitos éticos da mesma, apresento apenas um primeiro nome fictício do/a autor/a, sendo que o nome da escola não será revelado. Seguem, abaixo, as produções dos/as estudantes.

### **Contrastes – Gustavo**

*No caleidoscópio vi um mundo perfeito, com jardins repletos de flores coloridas e um céu ensolarado. Com pessoas felizes vivendo com os outros seres vivos lado a lado.*

*Não existia guerra, droga, fome e frio.  
Só havia harmonia e eram reluzentes as cores do Brasil.*

*O aquecimento global não existia e nem a água potável estava acabando.  
Ao passo que no jornal a humanidade não sabia o rumo que estava tomando.*

*No mundo real existe um monte de coisas que só os ricos podem comprar, também vejo gente passando fome.  
Que bicho estranho é o bicho homem, que faz a terra em que ele vive acabar.*

### **A primeira Guerra Mundial - Fernanda**

*Olhando o jornal para entender o mundo real me deparei com uma foto da 1ª Guerra Mundial.*

*Há muito tempo atrás, havia um mundo de rivalidades, em que as pessoas quase não sabiam o que eram amizades.*

*Tudo o que queriam saber era quem iria ganhar, gritar e brigar. Não imaginavam a vida em harmonia, todos em seu lar.*

*Tudo o que quero é que isso tenha mudado pois tanto tempo se passou. E será que alguém nisso pensou?*

### **Mudar de vida é difícil – Nathália**

*A notícia que escolhi traz em negrito: “Porque é tão difícil mudar de vida?” procurando a resposta vi que ela não existe ainda.*

*Olhando o mundo real tento descobrir o que está acontecendo. Por causa do descuido humano, muitos inocentes estão morrendo.*

*Olhando o caleidoscópio vi um mundo colorido com gente feliz e paz entre todos. Também havia paixão e compaixão.*

### **Mundos – Julia**

*No mundo real a chuva destrói casas, as ruas ficam alagadas. Mas é porque as pessoas jogam lixo nas calçadas.*

*Temos que conscientizar a população para não jogar lixo em lugares públicos para a rua não alagar quando a chuva chegar.*

*No caleidoscópio vi um mundo lindo e feliz onde tudo é amor, com um sol lindo de raios frutacor.*

*Flores coloridas, o lixo só existia na lixeira. Olhando em minha volta não havia nem sinal de sujeira.*

### **Mundos diferentes – Ester**

*Quando peguei o caleidoscópio vi tudo colorido cheio de paz e alegria, não havia briga nem violência, desastre natural também não existia.*

*Era tudo muito lindo, deveria ser assim no mundo em que vivemos. Mas infelizmente, no mundo real há extinção de espécies, muito desmatamento, vulcões e terremotos, tsunamis, mudança climática global. Não podemos nos esquecer do monstro que nos assombra, o monstro da desigualdade social.*

*Tem deslizamento de terra, também é grande a violência. Ligando a TV vemos muita guerra.*

*Ah, como seria bom se as pessoas não jogassem lixo no chão. O mundo seria todo limpo, também não haveria animais em extinção, nem desmatamento, nem poluição.*

### **O mundo do caleidoscópio – Vitória**

*O meio ambiente é um espaço que todos devemos cuidar, mas não é o que está acontecendo. Por causa do ser humano, muitos ecossistemas estão morrendo.*

Responsabilidade socioambiental...

*Se as coisas continuarem dessa forma o mundo não vai resistir. Precisamos fazer nossa parte, para salvar o mundo, arregaçar as mangas e agir.*

*Não deixe para depois o que pode fazer hoje. Existe um mundo ideal ao alcance de nossas mãos, foi possível vê-lo no caleidoscópio, onde o desmatamento e a destruição não fazem parte. Um mundo cheio de paz, amor e conhecimento.*

### **Mundo Ideal – Érica**

*Foi só olhar dentro do caleidoscópio para ver que tudo era diferente. Um mundo em que a tristeza não era conhecida, a calma aquecia o coração, 100% de paz. Um colorido que o mundo real já não tem mais.*

*Gostaria que o mundo em que vivo fosse como o mundo ideal; sem tristeza, guerra, fome, mentira, tragédias e mortes. Mas, por enquanto, a única semelhança entre os dois é que giram lentamente.*

### **Mundo Real e Ideal – Layana**

*Olho os jornais e vejo políticos vestidos de papai Noel levando presentes para crianças. Será que é sempre assim, ou será que eles apenas roubam o dinheiro do cidadão?*

*Esta pergunta pode estar óbvia diante dos nossos olhos ou não.*

*Mas olhando através do caleidoscópio vejo um mundo melhor, alegria, pessoas entregando verdadeiros presentes. Políticos honestos que não se apropriam do dinheiro dos inocentes e compram com este dinheiro roubado presentes.*

### **O mundo gira – Kamilli**

*Quando giro o caleidoscópio em minhas mãos vejo um mundo colorido cheio de felicidade. Mas quando leio a reportagem vejo a operação navalha “MP decide aprovar proposta após denúncias de abusos”. Abusos contra o cidadão.*

*Se o mundo também gira porque não vejo as mesmas cores do caleidoscópio girando em minhas mãos?*

*Outra vez olho o caleidoscópio, vejo sabedoria e amizade.*

*Mas olho a reportagem e vejo muita briga e pouca felicidade.*

### **A Escola – Helen**

*Vi no caleidoscópio um mundo bem lindo, todo colorido. Quando olhei o jornal tinha uma notícia: “Que a escola tinha responsabilidade social de acontecer a educação”.*

*Porque será que não acontece, se é direito do cidadão?*

*Em outro canto do jornal uma passeata por causa do aumento da passagem de ônibus.*

*O ônibus que é o transporte popular está cada vez mais difícil de pagar.*

*Desse jeito como vamos à escola chegar?*

## **A Beleza do caleidoscópio – Thayse**

*Olhando o caleidoscópio vejo tudo colorido como um arco-íris. Imagino como seria bom se tudo fosse assim.*

*Ao ler o jornal vejo tudo diferente. Tem gente que nem pensa na gente, mata tudo o que vê pela frente, transformando e negro um colorido jardim.*

*Lá na capa do jornal está escrito em destaque com letras em negrito: “Greve dos motoristas”. Queremos trabalhar, estudar e passear, mas tem a greve e vamos a pé.*

*Se ainda assim conseguirmos chegar, nossa viagem não podemos aproveitar, pois pra retornar para casa só como muita fé.*

*Vejo a construção do Shopping Iguatemi, onde antes era um mangue. Quando vamos visitar, nos importamos em gastar, sem pensar no derramamento de sangue.*

*Tiraram a vida de um ecossistema e de milhares de caranguejos. Hoje vejo milhares de madames buscando dentro do shopping coisas fúteis pra matar seus desejos.*

*Agora olho novamente o caleidoscópio tentando descobrir onde foi parar tanta cor.*

*Ao desviar meus olhos para o mundo real só existe o preto e branco cobrindo o planeta de dor.*

Quadro 3: Contrastes entre o mundo ideal e o mundo real encontrados nas produções escritas

<b>Mundo Ideal</b>	<b>Mundo Real</b>
Felicidade, natureza, cores, harmonia, água potável abundante, amizade, paz, paixão, sol, atitude, compaixão, conhecimento, calma, presentes, políticos honestos, sabedoria.	Guerra, fome, frio, aquecimento global, consumismo, brigas, morte, enchentes, lixo, desastres naturais, extinção de animais, desmatamento, poluição, tristeza, tragédias, políticos corruptos, greve de motoristas, aumento da passagem de ônibus, morte de ecossistemas.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A produção textual serviu para entender o contexto em que vivemos atualmente, bem como as ações que nos levaram a este contexto e identificar possibilidades de mudança. Conforme ressalta Delloso (2013, p. 32) “a ideia é a de que em todo e qualquer texto/enunciado há inúmeras possibilidades significativas que só serão desvendados se envolvidos no contexto sociocognitivo no interior do qual se movem os atores sociais”.

Os contrastes entre mundo real e mundo ideal, apresentados nas produções textuais dos/as estudantes, revelaram de forma impactante que o momento é de exercer nossa responsabilidade socioambiental. Os textos trouxeram reflexões sobre consumismo, impactos ambientais, aquecimento global, cidadania, política, ética, ecologia, mobilização social. É possível identificar a seriedade com que foram elaborados, a riqueza dos detalhes, fruto das conversas realizadas durante as aulas, bem como do trabalho em equipe que propiciou a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento.

Ao refletir sobre a produção dos/as estudantes, percebo o quanto de mim ficou em cada um deles/as. Foi visível o quanto amadureceram ao longo do processo de construção do conhecimento. Sobre esse momento da prática docente, Delloso (2013) afirma que:

Refletir sobre as elaborações dos alunos, que se modificam no decorrer do processo, nos faz compreender que é por meio dessas interações sociais que os significados das palavras e das ações vão sendo apropriados pelos alunos. [...] Então, é nas interações escolarizadas que as aprendizagens já consolidadas pelos alunos constituem-se como pontos de partida e jamais de chegada. Contudo, quanto mais aprendem na Escola os saberes organizados, mais se desenvolvem novos modos de olhar os conhecimentos cotidianos [...] (DELOSSO, 2013, p. 70).

A educação ambiental, aqui representada/refletida, teve papel importante na mudança de olhares. “Os problemas ocasionados pelo ser humano, para serem resolvidos, devem ser primeiramente enxergados por ele para que não se alcance a irreversibilidade” (Wan-Lume, 2010, p. 1). Guimarães e Sampaio (2014), ao mostrarem como práticas em educação ambiental têm se valido de várias linguagens para suas ficções pedagógicas, ressaltam a importância de novos olhares e novas estratégias de ensino:

A proposição de experiências e situações que buscam catalisar uma percepção – um olhar, um gesto, um pensamento, uma escuta – diferenciada para coisas que comumente não são foco da nossa atenção pode ser um outro viés bastante instigante e potente para imaginarmos um encontro do ambiental com a educação. Nessa direção, considera-se potencialmente pedagógico o ordinário, o comum, o banal, tudo aquilo que habita nossa rotina e que não vemos como merecedor de um olhar cuidadoso ou até mesmo afetivo (GUIMARÃES e SAMPAIO, 2014, p. 2).

Stroisch (2005), ao relatar os desafios encontrados por professores/as durante a atividade pedagógica, afirma que mudar o modo de ver e agir exige uma desconstrução daquilo que sabemos para que ocorra abertura de espaço para novas aprendizagens e para um refazer.

### 3.4.5 5º Encontrando o mundo ideal no mundo real

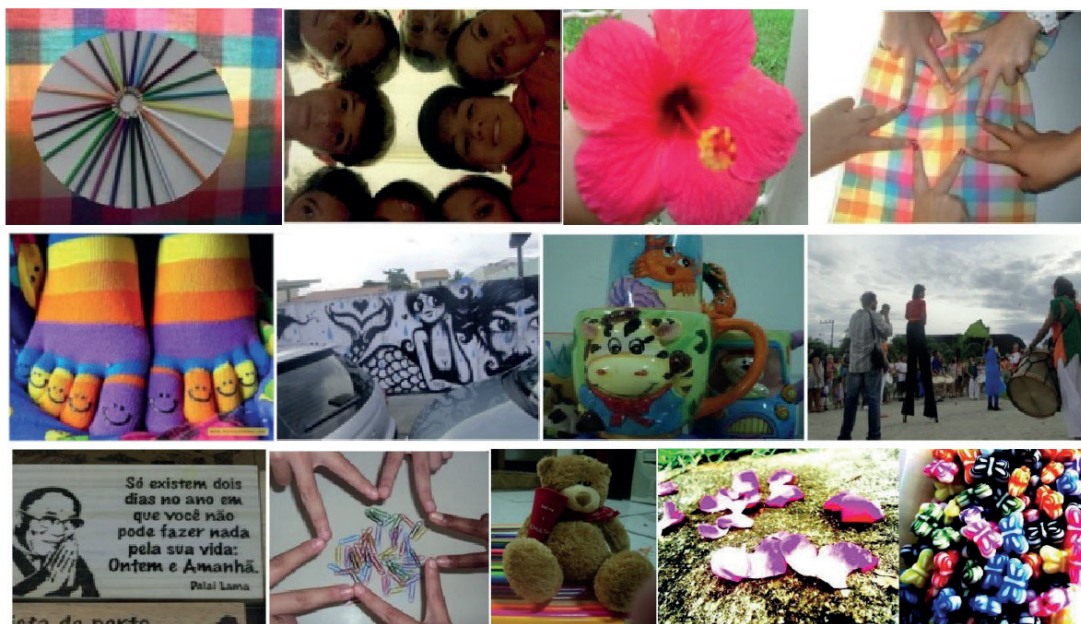
Ao finalizar a sequência didática, esperava que cada estudante percebesse que a realidade (mundo real), não é estática, pode ser modificada e se transformar em outras realidades possíveis (mundo ideal). Ou seja, o mundo ideal está presente no mundo real, identificá-lo e/ou construí-lo depende de cada pessoa, além, é claro, do direcionamento que os governantes dão às políticas públicas, pensando-se em um âmbito social. No que tange às políticas públicas é importante entender nosso papel de cidadãos/cidadãs, do voto consciente, dos direitos e deveres que temos. Esse tema **cidadania**, tão presente nos

documentos oficiais que regem a educação brasileira, está relacionado diretamente à responsabilidade socioambiental e precisa ser amplamente debatido em sala de aula.

Dando continuidade à descrição e reflexão sobre o trabalho proposto, solicitei aos/as estudantes que fotografassem situações e/ou imagens cotidianas que remetesse(m) ao mundo ideal visto no caleidoscópio. Imagens que evocassem os mesmos sentimentos vivenciados nas aulas anteriores, aqueles que os remetiam ao mundo ideal.

Entre as imagens escolhidas (Figura 4) destacaram-se flores, manifestações culturais e artísticas, estratégias de representações das imagens do caleidoscópio usando as mãos, pés ou em poses abraçados aos colegas, além de objetos afetivos, conforme seguem algumas produções.

Figura 4: O mundo ideal em fotografias do mundo real



Fonte: Acervo pessoal de uma das autoras

Ficou evidente a utilização de cores como critério dominante para que os/as estudantes buscassem no cotidiano a representação do mundo ideal visto no caleidoscópio. As cores representam alegria, chamam a atenção do/a observador/a. Se o mundo real é rico em formas e cores, união, amizade, natureza, alegria, ele é um mundo onde existe beleza, existem sentimentos, existe esperança de transformação.

### 3.4.6 E agora professora? Ficou bom assim?

Foram inúmeras as vezes em que ouvi os questionamentos que intitulam essa subseção ao longo desse trabalho. Agora que consigo visualizar toda a sequência didática aqui apresentada, bem como, o sucesso dos resultados esperados, permito-me afirmar que foi

gratificante fazer o exercício de olhar para trás e me deparar com aqueles momentos impregnados com todo o frescor do início da minha vida/carreira docente, no qual acreditava que poderia transformar o mundo real em ideal, mas não tinha noção de que o mundo real era grande demais, diversificado demais e longe demais para ser transformado. A experiência me fez fincar os pés no chão e perceber que o que me cabe é trabalhar de forma a contribuir para a mudança da realidade à minha volta.

Sinto nostalgia e chego à conclusão que se a mim fosse dada a oportunidade de me deparar mais uma vez com aqueles olhinhos curiosos crentes de que eu era a dona da verdade eu diria a eles: agora vocês estão aptos a fazer diferença no mundo real, transformando-o em mundo ideal com suas atitudes e pensamento crítico e ordenaria com o poder de professora que seguissem em frente, mas aqui usaria as palavras que Soares (1991) proferiu enquanto paraninfa de seus/suas alunos/as concluintes do curso de Letras da UFMG (no período em que ela define como pós-64 e pré-68). Essas palavras caberiam aos meus/minhas alunos/as que participaram desta sequência didática, tanto quanto aos/às meus/minhas alunos/as atuais, concluintes do ensino fundamental, que continuam seu processo de formação básica rumo ao ensino médio ou ainda aqueles/as que simplesmente seguem em frente, acreditando que é hora de encerrar seu processo de formação escolar, eu lhes diria inicialmente com minhas palavras e em seguida pegaria emprestadas as palavras de Soares (1991), diria assim: *“Agora continuem a caminhada que iniciamos juntos lá atrás, sigam em frente, enquanto educadora posso mostrar-lhes o caminho rumo ao futuro para que caminhem por ele...”*:

[...] comprometidos com o contexto histórico em que vivem, respondendo os desafios de nosso tempo e de nossa situação, optando, criando e recriando, interferidores e não passivos espectadores, enfim, vencer na vida profissional e pessoal pela humanização de si mesmos e dos outros – eis o último problema que eu deixo com vocês (SOARES, 1991, p. 77).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos documentos oficiais, o termo responsabilidade socioambiental confunde-se/funde-se com sustentabilidade socioambiental, traduzindo-se, grosso modo, em nossa responsabilidade com as futuras gerações, dando-nos o direito ao uso dos recursos naturais, mas não à posse dos mesmos. Além disso, atenta para a necessidade de cuidado com as relações sociais, portanto, as sociedades também fazem parte do ambiente no qual estão inseridas.

É preciso entender o contexto, as responsabilidades e as possibilidades de se trabalhar a conscientização ambiental durante as aulas. Isso não é tarefa fácil, mas apesar dos desafios e do investimento de tempo necessário para a elaboração, execução e avaliação, sequências didáticas, como a que foi aqui apresentada, são fundamentais para a formação



de cidadãos/ãs que exerçam sua responsabilidade socioambiental e que estejam dispostos/as a se engajar na luta anticapitalista para reverter (ou mitigar) o Novo Regime Climático.

Essa sequência didática proporcionou aos/às participantes a reflexão a respeito da responsabilidade socioambiental. O resultado do trabalho aqui representado atingiu seu objetivo de sensibilizar para a necessidade de observar o contexto à sua volta, com um olhar crítico, inserindo-se como agente de mudança. Cada etapa foi executada com afinco pelos/as estudantes, que através dessa experiência puderam entender o que é ser cidadão/cidadã e o que é pertencer a uma coletividade. Isso ficou claro no conceito de meio ambiente apresentado por eles/as, bem como nas produções textuais e fotografias do mundo ideal presente no mundo real. A escola, indubitavelmente, é o lugar ideal para que esse entendimento aconteça com clareza e segurança.

Cabe aos/às educadores/as, juntamente com a comunidade escolar, buscar as articulações para promover uma educação para a cidadania, ou seja, uma educação que reflita em sua prática o conceito de responsabilidade socioambiental. Nessa perspectiva, se faz necessário a busca de novas ferramentas pedagógicas, além das que já estão postas, como o livro didático, os vídeos, o quadro e o giz.

O profissional docente, ao trabalhar em sala de aula o cotidiano, o ordinário, as experiências vividas, exerce seu trabalho como princípio educativo. Entender o trabalho como princípio educativo significa entender que o ser humano modifica a natureza e se faz humano através do trabalho e que nesse processo, adquire conhecimento e repassa esse conhecimento para as futuras gerações. Assim, o trabalho se constitui como uma intervenção na natureza para a produção da existência humana. Toda a sociedade existe porque as gerações presentes educam as gerações futuras (aqui surge o princípio de sustentabilidade), portanto, é possível afirmar que não existe sociedade sem trabalho e educação. O trabalho como princípio educativo também busca estratégia para a solução de problemas e envolve sensibilidade, valores, ética, caráter, disciplina e vontade. Em suma, sentimo-nos autorizadas a afirmar que o/a profissional docente que utiliza o trabalho como princípio educativo também exerce sua responsabilidade socioambiental.

## REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é - o que não é**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 14, de 6 de junho de 2012. Institui as Diretrizes Curriculares para a Educação Ambiental**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 jun. 2012a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Diário Oficial da União, Brasília, 18 jun. 2012b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Edição atualiza em março de 2017. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017a. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)>. Acesso em 2 mar. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação, **Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 28 abr. 1999.

BRASIL. **Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014a. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 26 jun. 2014a. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm)>. Acesso em 10 mar. 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Dez. 2017b. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Plano de ação para produção e consumo sustentáveis – PPCS: Relatório do primeiro ciclo de implementação**. Brasília: MMA, 2014b. 164 p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Responsabilidade Socioambiental**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira? In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v.23, n. 81, p.247-270, dez. 2002.

DELLOSSO, Helen Cristine Bido Brandt. **A produção de texto na sala de aula: uma análise de produção de ensino**. Dissertação (Mestrado em Educação) – universidade metodista de piracicaba, faculdade de ciências humanas. Piracicaba, SP, 2013. Programa de pós-graduação em edu-

cação. Disponível em: <[https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/21062013\\_114406\\_dissertacaohellen.pdf](https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/21062013_114406_dissertacaohellen.pdf)>. Acesso em: 04 mai. 2018.

ENGELS, F. **Dialética da natureza**. São Paulo: Boitempo, 2020.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SAMPAIO, Shaula. A potência ambiental da educação. In: **Textura**, Canoas, n. 30, p. 2-6, jan/abr. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1124/869>>. Acesso em 02 mai. 2018.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HOLLY, Louise Mary. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NOVOA, Antonio. **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto: Porto, 2007, p. 79-110.

LANKESTER, R. **The kingdom of man**. Oxford: British Society for the History of Science, 1995.

LATOUR, B. **Políticas da natureza**. Como associar as ciências à natureza. São Paulo: Unesp, 2019.

LATOUR, B. **Diante da Gaia**. Oito conferências sobre a Natureza no Antropoceno. Rio de Janeiro: UBU, 2020.

MARX, Karl. **O capital: Crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Livro I, v. I.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009

MORIN, EDGAR. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, Magda. **Metamemória – memórias, travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1991.

OLIVEIRA, Lucas Rebello; MEDEIROS, Raffaella Martins; TERRA, Pedro de Bragança; QUELHAS, Osvaldo Luiz Gonçalves. Sustentabilidade: da evolução dos conceitos à implementação como estratégia nas organizações. **Produção**, v. 22, n. 1, p. 70-82, jan./fev. 2012.

STROISCH, Sandra Regina Gonzaga. **Professora, posso falar?: um estudo sobre a participação da criança na atividade de ensino**. Florianópolis, 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0531.pdf>>. Acesso em 04 mai. 2018.

Wan-lume, Carolina Soares; MELO, Gabriela Fernandes. Política Nacional dos Resíduos Sólidos: o estabelecimento da sustentabilidade e do progresso envoltos no processo participativo. In: **Revista do CEDS Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNB**, v.1, n. 2, mar./julh. 2015. Disponível em: <<http://www.undb.edu.br/ceds/revistadoceds>>. Acesso em 02 mai. 2018.